

# O Espírito Santo e os carismas

## Introdução

A grandeza teológica do Espírito Santo que, para nós, cristãos, não é apenas uma grandeza abstracta e conceptual, mas também uma grandeza pessoal, integradora do mistério do Deus uno e trino, aparece geralmente ligada aos dons ou carismas. Por isso, falamos continuamente nos dons ou carismas do Espírito Santo, mas é preciso ter em conta que a palavra *carisma* só aparece dezassete vezes no Novo Testamento e sempre no corpo das cartas paulinas e deutero paulinas, com excepção da 1Pd 4,10. Aparece seis vezes na carta aos Romanos, sete vezes na primeira aos Coríntios, uma vez na segunda aos Coríntios (1,11), duas vezes nas cartas ditas pastorais (1Tm 4,14; 2Tm 1,16) e uma vez na 1Pd 4,10.

Este facto é muito significativo porque reduz a realidade dos carismas do Espírito Santo à *prática cristã* das igrejas primitivas, mormente das igrejas paulinas<sup>1</sup>. Nos evangelhos nunca aparecem

---

<sup>1</sup> É muito estranho, à primeira vista, que a palavra «carisma» nunca apareça nos Actos dos Apóstolos, uma vez que esta obra tem por conteúdo fundamental a acção do Espírito Santo na missão evangélica. Isto significa que o carisma não tinha qualquer importância para o autor dos Actos, o que é tanto mais significativo se tivermos em conta que se trata de Lucas e que este foi companheiro de Paulo. Para Paulo, todos são carismáticos, na medida em que cada estado de vida corresponde a um carisma. Nos Actos, pelo contrário, não é o carisma que interessa, como resultado eficiente do Espírito Santo, mas o próprio Espírito Santo, como resultado da imposição das mãos (8,17; 19,6). Também os «diáconos» resultam da imposição das mãos (6,6) e não do Espírito Santo, e, bem assim, a missão de Barnabé e Saulo (13,3). Não obstante esta diferença fundamental, os apóstolos também falam em línguas (2,1-13) e também curam, mas *em nome de Jesus Cristo, o Nazoreu* (3,6). Cf. JOAQUIM CARREIRA DAS NEVES, «História e Espírito Santo nos Actos dos Apóstolos», *Didaskalia* XXV, 1 e 2 (1995) 195-234 e a literatura aí aduzida.

os tais carismas, seja nos textos tipicamente de Jesus, seja nos da tradição ou redacção evangélicas. Isto explica-se facilmente uma vez que Jesus veio anunciar e pregar o *Reino de Deus* e não o Espírito Santo. É facto que a vida de Jesus não se entende sem a acção performativa do Espírito Santo desde a sua conceição original (Lc 1,35; cf. Mc 1,10 e par., etc.), mas também é facto que o Espírito Santo, como grandeza teológica e trinitária, só se compreende a partir do mistério pascal (Jo 7,38b-39: «Como diz a Escritura: 'Do seu seio jorrarão rios de água viva'. Ele designava desta maneira o Espírito que deviam receber aqueles que acreditariam nele: com efeito, o Espírito ainda não tinha vindo porque Jesus *ainda não tinha sido glorificado*'»; cf. Jo 14,16ss.25ss; 16,7ss.13ss; Lc 24.49; Act 1,4-5).

Concluimos, portanto, que a acção do Espírito Santo tem a ver com a Igreja propriamente dita como fruto do mistério pascal e que não pode haver Igreja sem Espírito Santo e Espírito Santo sem mistério pascal. Isto é importante que se diga, em discurso teológico, para não cairmos nos milenarismos de Joaquim de Fiore que afirmava que a era do Espírito Santo sucederia à do Filho como a deste à do Pai, sem continuidade mas, pelo contrário, como tempos eclesiais autónomos e sucessivos. O mesmo afirmaram depois os cátaros, os albigenses, os «fraticcelli», Thomás Müntzer, etc.

O termo *carisma* é muito raro na literatura grega, mas, mesmo assim, há que ter em atenção três textos religiosos importantes: aparece em Filão (*Leg. All III,78*), onde este autor apresenta o mundo e tudo o que nele existe como sendo um presente, benefício e *carisma* (dom) de Deus, no *Testamento de Salomão C 13,14*, mas relacionado com os dons mágicos que fomentam a saúde e a riqueza, e nos *Oráculos Sibílicos II,154*, que apresenta a alma como *carisma* divino, e que, por isso mesmo, não deve ser manchada. Nesta última obra, é natural que já haja uma elaboração cristã, uma vez que foi publicada depois da nossa era, embora as suas origens sejam pré-cristãs<sup>2</sup>.

Este estudo comparativo é importante porque nos leva à conclusão que o conceito e a semântica dos carismas devem-se inteiramente a Paulo.

Hoje em dia, os movimentos carismáticos (católicos) e pentecostais (evangélicos), regressaram em força e impõem-se como

---

<sup>2</sup> K. DERGEN, in HORST BALZ e GERHARD SCHNEIDER, *Diccionario Exegetico del Nuevo Testamento*, vol. II (Salamanca, 1998) col. 2071.

alternativa de conversão das respectivas igrejas. O apelo ao Espírito como novo centro da dinâmica cristã, através duma vivência directa dos carismas do mesmo Espírito, é uma realidade da Igreja, presente em imensos movimentos eclesiais, a nível paroquial, nacional e intercontinental. Dos movimentos carismáticos católicos têm surgido novos «Institutos» eclesiais de casados e celibatários. É mais uma razão para estudarmos os carismas neotestamentários das primitivas igrejas.

Acresce o facto de, a partir dos anos setenta, ter surgido nos Estados Unidos e, hoje em dia, um pouco por todo o mundo, o novo movimento avassalador dos *neopentecostais* com as grandes vedetas da TV Pat Robertson, Jerry Falwell, Hal Lindsey, Jimmy Swaggart, Oral Roberts, Jim e Tammy Bakker, e, mais recentemente, Kenneth E. Hagin, Paul Yonggi Cho (este na Coreia do Sul), Bill Hamon e Peter Horrobin. Julgam-se os detentores e guardiães fiéis e absolutos da Bíblia, os profetas dos últimos tempos, que preparam, por determinação divina, a última fase da história da salvação. Estão estreitamente relacionados com a direita religiosa e política dos Estados Unidos e insistem na tese do «evangelho da prosperidade»: quem acreditar firmemente na Palavra de Deus, que salva, tem saúde e bem estar porque Deus quer o melhor para os seus filhos e só os pode abençoar com riqueza, saúde e bem estar. É um tipo de cristianismo extremamente individualista, pouco voltado para o social — até porque os pobres só o são pela falta de fé e consequentes bênçãos de Deus. Dão um valor sacral ao pagamento do dízimo e ao baptismo no Espírito Santo. A vivência litúrgica baseia-se fundamentalmente na leitura literalista e concordista da Bíblia e em cânticos cheios de alegria, que alimentam o ego das emoções. Doutrinalmente, defendem uma antropologia dualista de luta entre Deus e o diabo, vendo em todas as doenças, desamores, disfunções psicológicas, pobreza e miséria a acção simples e pura dos demónios e seu pai comum, o Satan. Pertencem a este movimento a IURD e tantas outras novas igrejas neopentecostais vindas do Brasil.

Neste movimento dá-se a *sacralização* do ministério dos profetas, que tem vindo a aumentar e a esclarecer-se desde a Reforma de Lutero. Vivemos, agora, a hora final da preparação da parusia, razão porque Deus, nas suas «dispensações» divinas, estabeleceu os tempos históricos das mesmas «dispensações» ao longo de períodos de 2.000 anos. Como expõe Bill Hamon, Deus «criou no ano «0» a raça humana quando criou Adão. Dois mil anos mais tarde chamou Abraão para criar a raça hebraica. Dois mil anos depois mandou

Jesus para estabelecer a raça [cristã] da Igreja. Agora, dois mil anos mais tarde, a raça da Igreja está-se a tornar rapidamente a raça do Reino — uma raça com corpos imortais como também com espíritos imortais. Através do conhecimento da ressurreição/transladação prometida nas Escrituras (ver 1Cor 15,51-54; 1Ts 4,15-18), receberemos corpos renovados, glorificados para servir no Reino de Deus sobre a terra»<sup>3</sup>.

Neste trabalho, queremos estudar os carismas do Novo Testamento exclusivamente a partir da exegese bíblica dos textos, para depois podermos tirar algumas conclusões de ordem pastoral e parenética.

### 1. Diferença entre carisma e graça

Dizer *carisma* ou dizer *dom* é a mesma coisa. São termos homónimos. Não há dúvida que o grego *carisma* provém da raiz *char* e, daqui, a palavra *charis*, que nós traduzimos por *graça*. Tanto a *graça* como o *carisma* são dons gratuitos e divinos, mas há uma diferença teológica fundamental entre os dois termos e a sua semântica, na medida em que a *graça* tem a ver com o dom que «santifica», e o *carisma* com o dom que «edifica» o corpo místico de Cristo, ou seja, a Igreja ou as comunidades. A *graça* é um dom *activo* relacionado com a acção de Deus, que coloca o homem em boas relações com Ele, isto é, em relações de amizade, de aliança, de perdão dos pecados e, portanto, de *graça* readquirida. A acção divina da *graça*, mormente nas cartas de Paulo aos Gálatas e Romanos, resulta em *dikaioisyne*, isto é, em justificação-salvação, enquanto que a acção divina do *carisma* resulta em proveito da comunidade ou da Igreja<sup>4</sup>. Assim sendo, o dom do carisma também é divino,

---

<sup>3</sup> BILL HAMON, *Prophets Pitfalls and Principles* (Shippensburg, 1991), p. 180. Este movimento é criticado com boa argumentação e fundamentação bíblica por FLORENCIO GALINDO (católico), em *El Protestantismo Fundamentalista. Una experiencia ambígua para América Latina* (Pamplona, 1992); JAIME TORRE VIEIRA (evangélico), em *O Mito da Saúde e Prosperidade* (Lisboa, 1995); RICARDO GONDIM (evangélico), em *O Evangelho da Nova Era. Uma análise e refutação bíblica da chamada Teologia da Prosperidade* (São Paulo, 1995), mas, sobretudo, por BRUCE BAWER, *Stealing Jesus* (New York, 1997). Em trabalho recente, apresentámos também a história e a doutrina dos neopentecostais na obra *As Novas Seitas Cristãs e a Bíblia* (Lisboa, 1999) pp. 201-228.

<sup>4</sup> JAMES D. G. DUNN, *Jesus and the Spirit* (Philadelphia, 1975), p. 202, apresenta muito bem esta matéria: «In Paul *charis* is a central concept that most clearly

gratuito, sobrenatural, mas pode ser passageiro e temporal, consoante as necessidades da comunidade ou da Igreja. A graça é um requisito da salvação, mas o carisma não o é necessariamente. Por isso é que Paulo escreve que Deus «distribui a cada qual os seus dons, segundo a sua vontade» (1Cor 12,1).

Também é interessante reparar que nos Actos dos Apóstolos, o *dom* do Espírito Santo se diz *dôrea* e não *charisma* (Ac 2,38). Este dom, nos Actos, é a consequência directa do baptismo (cf. 11,17) e é um dom *permanente*, enquanto que o carisma, na doutrina paulina, tem a ver com a construção da igreja (comunidade) segundo as suas necessidades históricas<sup>5</sup>.

## 2. Os carismas nas cartas paulinas

Como dissemos, é sobretudo nas cartas paulinas que aparece a teologia eclesiológica dos carismas<sup>6</sup>.

Começemos pelo texto acima citado da 1Cor 12,1-10, onde Deus distribui *a cada um* os seus dons. É importante entendermos a função deste *hekastos* personalizado: *a cada pessoa* Deus distribui os seus dons conforme as necessidades da Igreja. Na 1Cor 7,7, Paulo escreve: «Desejaria que todos fossem como eu [celibatários], mas *cada um* recebe de Deus um *dom* particular, um de uma

expresses his understanding of the salvation event, that is, as an act of wholly unmerited generosity on God's part. It is important to grasp from the outset that for Paul «grace» does not mean an attitude or disposition of God; it denotes rather the wholly generous *act* of God; '*grace is God's eschatological deed*'. Cf. p. 204: «Grace is always *God's* action. Several times Paul speaks of Grace as given to man (Rom 12,3.6; 15,15; 1Cor 3,10; Gal 2,9, etc.). But he never means that Grace somehow becomes man's possession, something he has at his disposal to use at his own will. It is *always God's action through him*».

<sup>5</sup> Em Rm 5,15 e Ef 4,7 aparece o termo *charis* e *dôrea* como homónimos, e na 2Cor 9,15 escreve Paulo: «Graças sejam dadas a Deus pelo seu *dom* (*dôrea*) inefável».

<sup>6</sup> Sobre esta temática cf. M. GOGUEL, «Pneumatique et eschatologie du christianisme primitif», *RHR* 132 (1946) 124-169; 133 (1947) 103-161; H. SCHÜRMANN, «Les Charismes spirituels», in *L'Église de Vatican II* (Paris, 1966) 541-573; D. W. ROBINSON, «Charismata vs. Pneumatika», *Ref TR* 31 (1972) 49-55; E. ELLIS, «Spiritual Gifts in the Pauline Community», *NTS* 20 (1974) 128-144; H. A. LOMBARD, «Charisma and Church Office», *Neotestamentica* 10 (1976) 31-52; S. SCHULZ, «Die Charismenlehre des Paulus», in *Festschrift Käsemann* (Tübingen-Göttingen, 1976) 443-460; F. HAN, «Charisma und Amt», *ZTK* 76 (1979) 419-449; C. PERROT, «Charisme et institution chez S. Paul», *RechSR* 71 (1983) 81-92.

maneira e o outro de outra maneira»<sup>7</sup>. Na 1Cor 12,7 escreve de modo igual: «*Cada qual* recebe o *dom* de manifestar o Espírito para o bem de todos». Esta doutrina é também expressa de modo semelhante na 1Pd 4,10: «*Cada qual*, segundo o *dom* que recebeu, se coloque ao serviço uns dos outros, como bons administradores da *graça* de Deus, variada nos seus efeitos». Daqui se conclui que os carismas são diversos ou multiformes, segundo as pessoas, mas tal diversidade deve concorrer sempre para o bem comum da Igreja ou das respectivas comunidades.

Assim se explica que Paulo enumere os carismas em série diversificada, mormente na 1Cor 1,5 e 12,4-10, que iremos estudar.

Na 1Cor 1,5, ele escreve: «Porque vós, n'Ele [em Jesus Cristo] fostes cumulados de todas as riquezas, as da *palavra* e as do *conhecimento*...». Estas riquezas da palavra e do conhecimento têm a ver com o testemunho (cf. *to martyrion* no v. 6) que os cristãos dão sobre Jesus Cristo, e com o *carisma* (cf. v. 7: «uma vez que não vos falta nenhum *carisma*, vós que esperais a revelação [*apokalypsis*] de nosso Senhor Jesus Cristo»).

Paulo quer significar que, depois da conversão, os Coríntios são ricos em experiências espirituais, que têm a ver tanto com a *palavra* como com o *conhecimento*. Os autores interrogam-se se a *gnôsis* (conhecimento) da 1Cor 1,5 (cf. 1Cor 13,2.8; 14,6) é realmente um carisma. Tudo dá a entender que não é o *conhecimento como tal* que é carisma, mas o acto de transmitir esse conhecimento *cristão* no seu devido lugar e tempo eclesiais (cf. 1Cor 14,6). A sabedoria e o conhecimento não são carismas em si, mas são-no na

---

<sup>7</sup> Os autores dividem-se acerca do objecto deste carisma. O celibato e o casamento são carismas, segundo a vocação de cada um? Assim pensam J. WOBBE, *Der Charis-Gedanke bei Paulus* (Münster, 1932) 66; KÄSEMANN, «Ministry and Community in the New Testament», *ENTT* 69ss; J. RUEF, *Paul's First Letter to Corinth* (Penguin, 1971) 55. Pessoalmente pensamos com outros exegetas que o carisma de que fala Paulo tem a ver com os que *possuem o dom do celibato* como é o caso do próprio Paulo. Como se exprime SETTIMIO CIPRIANI, *Le lettere di Paolo* (Assisi, 1991), p. 154: «... egli desidererebbe però che tutti scegliessero lo stato di verginità, come há fatto lui (v. 7)». CHARLES H. TALBERT, *Reading Corinthians* (New York, 1989), p. 39, apresenta um parecer bastante original: «v. 7a reads, 'I wish all men to be as I am.' The words are obviously Paul's (cf. 1Cor 4,16; 11,1; Gal 4,12); however in this context they do not reflect Paul's position. Paul does not wish *all* men to be unmarried. This is, however, part of the position of his opponents, as verbalized in v. 1b ('It is well for a man not to touch a woman'), and as proposed later in the chapter (i.e., if married, separate; if not married, stay that way). It seems best, therefore, to take v. 7a as a Corinthian assertion using Paul's own celibacy as their authority. Paul, they say, exhorts us to imitate him, and he lives in a single state.»

medida em que os cristãos transmitem aos outros semelhante sabedoria e conhecimento cristãos. Neste sentido, *revelam* a pessoa de Jesus Cristo<sup>8</sup>.

No tempo em que Paulo escreve a primeira carta aos Coríntios existia nas comunidades uma grande febre pela parusia ou segunda vinda de Cristo, a que se refere a tal «revelação». Para tanto era preciso que a *palavra* e o *conhecimento* de Cristo fossem carismas vivos em sentido catequético cristão de modo a que, tanto os que recebiam a catequese como os que catequizavam, pudessem dar o seu *testemunho* junto de cristãos e pagãos e sempre em atenção à *revelação* de nosso Senhor Jesus Cristo, que se pensava estar próxima.

Para Paulo, a *revelação* não é um acontecimento do passado, limitado apenas à vida, morte e ressurreição de Jesus, mas um acontecimento que se liga a qualquer lugar e modo em que Jesus Cristo se manifesta e se torna conhecido, seja na sua parusia, como é o caso do nosso texto (cf. 2Ts 1,7), como na pregação do evangelho (Rm 1,17; 16,25s; 1Cor 4,1; etc.). Desde que Jesus Cristo se revelou a Paulo, a sua conversão a Cristo tornou-se paradigma da revelação, e é por isso que o evangelho que ele prega é uma autêntica revelação, e é também por isso que pode ser um apóstolo como os Doze que foram escolhidos *directamente* por Jesus (cf. 2Cor 9,1).

No contexto maior do nosso estudo sobre os carismas, que abrange, na primeira parte, os cc. 12-14 da primeira aos Coríntios, Paulo afirma em 14,37-38: «Se algum de vós julga ser profeta ou estar na posse dos dons do Espírito, deve reconhecer, *no que vos escrevo, um preceito do Senhor*, mas se alguém não o reconhecer, também não será reconhecido». Esta determinação paulina é dum vigor de alcance eclesial pouco comum. Para ele, os verdadeiros profetas e carismáticos têm que estar de acordo com o que ele escreve e prescreve; caso contrário, tal pessoa não deve ser reconhecido pela comunidade. O que ele escreve e prescreve é um *preceito do Senhor*. Como muito bem diz Raymond E. Brown<sup>9</sup>, semelhante determinação coloca a autoridade de Paulo na «linha de água» (*bottom line*), isto é, num quase extremo poder determinativo, e isto só se pode compreender se tivermos em consideração a delicadeza e a dificuldade das questões levantadas pela doutrina dos carismas.

---

<sup>8</sup> Cf. JAMES D. G. DUNN, *o.c.*, 221.

<sup>9</sup> RAYMOND E. BROWN, *An Introduction to the New Testament* (New York/London, 1997) p. 531.

### 2.1. *Os carismas paulinos na 1Cor 12-14*

Na 1Cor 12,4-10 aparece a série de carismas ou dons em maior quantidade, e é a partir deste texto que a espiritualidade dos carismas mais se tem desenvolvido. Por isso vamos estudá-lo em toda a sua abrangência, começando por ouvir o texto:

- v. 4 Há diversidade de *carismas*, mas é o mesmo *Espírito*;
- v. 5 Há diversidade de *serviços* [*ministérios*] (*diakoniôn*), mas é o mesmo *Senhor*;
- v. 6 Há diversidade de *actividades* [operações: *energèmatôn*], mas é o mesmo *Deus* que produz tudo em todos.
- v. 7 A cada qual é dado [receber] a *manifestação do Espírito* [*phané-rôsis tou pneûmatos*] para o bem de todos.
- v. 8 A um o Espírito dá uma palavra [mensagem] de sabedoria, a outro uma palavra de conhecimento;
- v. 9 a outro, o mesmo Espírito dá a fé, a outro, o único e mesmo Espírito concede os *carismas* das curas;
- v. 10 a outro o poder de fazer milagres (*energèmata dunameôn*), a outro a profecia, a outro o discernimento dos espíritos, a outro o dom de falar em línguas, a outro, ainda, o de as interpretar.
- v. 11 Mas isto, é o único e mesmo Espírito que o produz, distribuindo a cada um [os seus dons] segundo a sua vontade.

Neste texto, os *carismas* são associados aos *serviços* e às diversas *actividades* ou modos de acção e às *manifestações do Espírito*. Por seu lado, o *Espírito* é associado ao *Senhor* [Jesus Cristo] e a *Deus*. Paulo tem em atenção a fonte triádica (trinitária) de onde dimanam todos os carismas, serviços e actividades, embora, na continuação da série de dons, a partir do v. 7, se refira apenas ao Espírito que dá o dom da palavra da sabedoria, do conhecimento, da fé, das curas, de fazer milagres, da profecia, do discernimento dos espíritos, de falar línguas [glossolália] e de as interpretar. Mesmo assim, devemos reparar que o v. 4 e o v. 11 estão ligados pela «inclusão bíblica»: «o mesmo Espírito».

Pela força do próprio vocabulário, todos estes carismas têm a ver com a *acção*. O verbo que melhor classifica esta acção é *energein*, que aparece no v. 6: «há diversidade de actividades (*energè-mátôn*)». Trata-se, pois, de actos ou de acções concretas. Os carismas, neste sentido, são acontecimentos ou acções só possíveis pelo poder ou pela energia divina através do Espírito. Os três designativos: «ministérios», «operações» e «carismas» são sinónimos. A sua singu-

laridade depende das funções triádicas relacionadas com o *Senhor*, a que se atribuem os «ministérios», com *Deus*, a quem se atribuem as «operações», e com o *Espírito*, que, só por si, significa «vento», «hálito», «dom» e «graça». Esta ordem triádica aparece igualmente na 2Cor 13,13 (cf. Rm 8,14-17; 15,15-16; Ef 4,4-6)

Não é aqui o lugar de estudarmos em pormenor todos estes carismas até porque continuamos a não saber qual é o conteúdo próprio de alguns deles. Por exemplo, no v. 10 fala-se do carisma dos *milagres* com a palavra grega *dunameis*, mas Paulo nada diz sobre a natureza específica de tais milagres. Nos sinópticos *dunameis* é usado para designar as curas de Jesus, mas Paulo distingue entre *dunameis* e *dom das curas* (v. 9). Possivelmente, trata-se de milagres relacionados com os poderes maléficis que dominam este mundo e que só com o poder do Espírito as pessoas afectadas se podem libertar. Mas Paulo também pode pensar nos exorcismos (cf. Act 16,18; 19,12ss).

Também é estranho que Paulo fale do carisma *da fé* (v. 9). Claro que não se trata da fé que justifica ou salva (Rm 3,22-5.2), mas deve tratar-se de um outro tipo de fé «miraculoso», isto é, da fé que «move montanhas» (cf. 1Cor 13,2; Mc 11,23s e par.). Ainda no v. 9, os carismas das *curas* devem relacionar-se com as curas pela imposição das mãos como acontecia com Jesus e com os apóstolos (Mc 3,5; 5,36; 9,23ss; etc. Act 3,6s; 14,9s, etc.).

No v. 7, o que é que Paulo quer significar com o carisma *da manifestação do Espírito* (*hè phanérôsis tou pneúmatos*)? Trata-se de um carisma específico ou do carisma geral que origina todos os demais carismas, uma vez que todos eles são uma manifestação do Espírito? A «manifestação» é o objecto e o «Espírito» o sujeito-autor que produz os carismas (a manifestação que o Espírito produz) ou o contrário? É que a *manifestação*, se não tiver um objecto, é «um conceito vago e incompleto (manifestação de quê?)»<sup>10</sup>. Na 2Cor 4,2, Paulo utiliza um genitivo objectivo quando fala da «manifestação da verdade».

No v. 10, o que é que o Apóstolo entende pelo «discernimento» dos espíritos? Temos que compreender que, no meio duma certa confusão, devido a algum sincretismo espiritual, era natural que o «discernimento dos espíritos» fosse um carisma importante, sobretudo para quem orientava a comunidade e, assim, se pudesse

<sup>10</sup> Cf. JAMES D. G. DUNN, *o.c.*, 212.

discernir entre os verdadeiros e os falsos profetas. As cartas de Paulo, como as demais cartas, estão cheias deste problema entre falsos e verdadeiros profetas (2Cor 11,5ss; 12,11ss; Gl 5,1ss; Fl 3,17ss; Cl 2,16ss; 1Tm 1,3ss; 4,1ss; 6,3ss; 2Tm 2,16ss; 3,6ss; 2Pd 2,1-3). E todos sabemos que os «profetas» tinham realmente um papel muito importante nas comunidades primitivas (*Didaké* 10,7; 11,3,7-11; 13,1.3-4.6; 15,1-2; *Carta de Barnabé* 16,9; *Pastor Hermas* X,1,7ss).

À distância de dois mil anos é muito difícil determinarmos com precisão o pensamento paulino sobre tais carismas, até porque se trata de realidades vividas e experienciadas à luz do Espírito, e não de realidades definidas conceptualmente.

O que mais interessa perceber em todo o contexto e na semântica do nosso texto é o carisma como *acontecimento*: ele é sempre uma acção ou um acontecimento que tem a sua origem no Espírito de Deus a operar (o verbo *energein*) no crente cristão.

Convém perceber que Paulo conhecia muito bem a história carismática helénica, difundida um pouco por todo o Médio Oriente. Basta lembrar a Pitoniza de Delfos, as sacerdotizas de Dodona, as Sibilas, etc., onde o êxtase e o paranormal se confundiam com o espiritual. Em oposição a esta história e a este espírito, Paulo centraliza os carismas cristãos na dependência cristológica e teológica da relação triádica: Deus, o Senhor, o Espírito. Mas a última revelação tem a ver com a manifestação do Espírito. É por isso que Paulo escreve no v. 3 que ninguém pode dizer (confessar): «Jesus seja anátema» se falar no Espírito de Deus<sup>11</sup>, como ninguém pode dizer (confessar): «Jesus é o Senhor», se não for através do Espírito Santo. Este pormenor — aliás, importante —, indicia que entre os cristãos de Corinto nem todas as manifestações carismáticas tinham o cunho da verdadeira cristologia. Havia sincretismos internos que misturavam os carismas cristãos com os pagãos. O verdadeiro Espírito só pode confessar a Jesus como Senhor e não como Anátema. *A chave hermenêutica da verdade pneumatológica passa sempre pela cristologia.* «Cristo é a medida do Espírito, e não o contrário»<sup>12</sup>.

No seguimento do seu raciocínio, Paulo apresenta a metáfora do corpo para explicar a sua doutrina sobre os carismas. O corpo é

<sup>11</sup> Paulo deve referir-se aos judeus que, nas suas sinagogas, falavam de Jesus como «Anátema». Pelo menos é o que sobressai, embora mais tarde, do *Diálogo* de Justino 16,4; 47,4; 96,2; 137,2.

<sup>12</sup> SETTIMIO CIPRIANI, *ibid.*, p. 198.

formado por muitos membros, todos eles necessários para o bom funcionamento do mesmo corpo. O mesmo acontece com os carismas. E Paulo termina o seu pensamento desta maneira: «Vós sois o corpo de Cristo e sois os seus membros, cada qual à sua maneira. E aqueles que Deus estabeleceu na Igreja são, em primeiro lugar os apóstolos, em segundo lugar os profetas, em terceiro lugar os doutores; depois vem o dom dos milagres, depois o das curas, o da assistência, o de quem dirige e o dom de falar línguas. São todos apóstolos? Todos profetas? Todos doutores? Têm todos o dom dos milagres? E todos os interpretam?» (1Cor 12,27-30).

Uma vez mais é muito claro que Paulo refere os carismas tanto aos serviços (apóstolos, profetas e doutores) como às curas, milagres, assistência, direcção e glossolália. Numa palavra, os carismas estão em função do bom funcionamento da Igreja como os muitos membros em função do bom funcionamento do nosso corpo. O carisma nunca é o *meu* carisma; é-me dado pelo Espírito como dom-acção em função da igreja-comunidade. Ele é, ao mesmo tempo, um *acto de Deus* e uma *experiência espiritual* do crente. Nunca é fruto da pura inteligência ou apenas da sabedoria humana.

Todo este assunto é tratado nos cc. 12-14 da primeira aos Coríntios. No cap. 14, Paulo dá preferência ao dom da profecia e relega para segundo lugar o dom da glossolália, e isto por razões práticas ou pastorais. Agora não usa a metáfora do corpo, mas a da música, com referência directa à flauta, à cítara e à trombeta (14,7-8). Estes instrumentos musicais de nada serviriam se o som de cada um não se distinguisse. Assim é com os dons da profecia e da glossolália. Por razões pastorais, interessa mais o dom da profecia do que o da glossolália porque todos entendem e percebem o profeta inspirado pelo Espírito, mas nem todos percebem os que gozam do dom da glossolália, até porque precisam de quem interprete tal dom ou tais línguas estranhas. Paulo chega a afirmar que a profecia é um *senal* (*sèmeion*), não para os descrentes, mas para os crentes (14,22), e que o dom das línguas é um *senal* não para os crentes mas para os descrentes, e que os descrentes, ao depararem-se com os cristãos que têm o dom das línguas os podem julgar de *loucos* (14,23). Este pormenor é importante na medida em que para Paulo o dom da glossolália não interessa propriamente aos crentes, isto é, à sua formação e espiritualidade.

Em conclusão, Paulo é um *carismático* na linha da profecia. Profeta é aquele que sente o Espírito Santo a trabalhar a sua vida e vive desse mesmo Espírito. Mas o Espírito Santo, embora ultra-

passa a nossa razão e inteligência, não a abafa nem contraria, nem lhe rouba a sua razão de ser. Por isso escreve: «Eu oro [a Deus] com o meu *espírito* (*tô pneúmati*), mas também oro [a Deus] com a minha inteligência [*tô noi*], porque se é apenas o teu espírito [que funciona] quando pronuncias uma bênção, como é que aquele que faz parte dos simples ouvintes [lit., *aquele que preenche o lugar do não-iniciado*] poderá responder «Amen» à tua acção de graças, uma vez que não entende o que dizes?» (14,15-16). Por isso, Paulo remata afirmando: «Graças a Deus eu posso falar em línguas muito mais do que vós todos, mas, numa assembleia, prefiro dizer cinco palavras que toda a gente entenda (lit. *com a minha inteligência: tô noi mou*), para poder instruir também os outros, do que proferir dez mil palavras em línguas [que ninguém entende]» (14,18-19).

Todos os exegetas são concordes em afirmar que Paulo escreve estes capítulos 12-14 por causa dos chamados «espirituais» de Corinto que, por influência dos herméticos gregos, estavam a transformar o Espírito Santo e seus respectivos dons ou carismas em cristianismo despersonalizado e gnóstico, desligado do mistério pascal, como depois vai acontecer com os gnósticos dos sécs. II-IV, nas escolas de Marcião, Basilides e Mani.

E é por tudo isto que Paulo coloca entre os cc. 12 e 14 da primeira aos Coríntios o c. 13, que é um hino ao carisma ou dom do amor-caridade. Como pede no final do c. 12: «Aspirai aos carismas maiores (*dzèloute de ta charísmata ta meídzona*», 12,31). Estes carismas maiores não passam de um único carisma ou dom, que é o do amor descrito em todo o c. 13. Tal carisma do amor (*agapè*) está por cima da profecia, do conhecimento de todos os mistérios, de toda a ciência, da maior fé, da distribuição dos bens [pelos pobres], das línguas, dos milagres e até do próprio martírio, porque agora vivemos da «fé, da esperança e do amor-caridade, mas o amor-caridade é o maior de todos (*meidzôn de toutôn hè agápè*)» (13,13).

Por detrás deste hino e seu significado é fácil perceber uma crítica mordaz à tal sabedoria gnóstica e a todos os dons ou carismas entendidos apenas como uma iniciação espiritual a bem da pessoa particular e não a bem da comunidade ou da Igreja. Fica, portanto, claro, que os carismas, segundo Paulo, estão em função da perfeição da Igreja<sup>13</sup> e não em função da perfeição da pessoa

---

<sup>13</sup> Paulo não está a pensar num tipo de Igreja universal (ao contrário da carta aos Efésios) mas de igreja ou de comunidade local.

individual. Todos eles concorrem para que a Igreja seja um corpo cristão bem estruturado e dinamizado; não apenas bem estruturado inteligentemente com infra estruturas de edifícios, catequese e pastorais, hierarquias, mando e direcção, mas sobretudo estruturado na sua dinâmica interior ou espiritual que arranca necessariamente do Espírito Santo. Paulo condena o individualismo espiritualista, o solipsismo iniciático dos «perfeitos», que desprezam os simples e os ignorantes. Os *pneumatikoi* (homens espirituais ou perfeitos) da 1Cor 1,17-4,21 estão na origem de todos os problemas da comunidade (cf. 1Cor 14,12: «Prestai atenção: já que ambicionais tanto os dons do Espírito, procurai que abundem os que constróem a comunidade...»; cf. 14,33a). Por isso é que Paulo insiste tanto na dimensão corporativa dos carismas. A comunidade paulina só pode ser carismática, ao mesmo tempo na sua unidade e na sua diversidade. A unidade vem-lhe do Espírito e sua *charis* e a diversidade dos carismas concretos (acções e acontecimentos).

Mas por detrás desta unidade e diversidade sentimos as dificuldades concretas da própria comunidade cristã de Corinto. Em Corinto vivia-se no limiar dum cisma (1Cor 1,10ss.17ss).

No tempo de Paulo, a Igreja ainda não estava estruturada com os ministérios dos bispos, presbíteros e diáconos, como aparece, mais tarde, nas cartas pastorais a Tito e a Timóteo e, muito menos com o ministério do episcopado monárquico com o seu presbitério, como aparece a partir do séc. segundo da nossa era.

A imprecisão e fluidez carismática das comunidades paulinas é que, com o andar dos anos, levaram à necessidade dos tais ministérios mais visíveis e estruturados dos bispos, presbíteros e diáconos. Razão porque o autor da segunda carta de Pedro escreve sobre Paulo e suas cartas: «É neste sentido que Paulo, nosso irmão e amigo, vos escreveu segundo a sabedoria que lhe foi dada. É o que ele escreve também em todas as cartas onde trata destes assuntos: nelas há passagens difíceis que as pessoas ignorantes e sem formação distorcem quanto ao seu sentido, como fazem também de outras Escrituras para a sua perdição» (2Pd 3,15b-16)<sup>14</sup>.

---

<sup>14</sup> A primeira carta de Clemente, nos anos 90, dirigida aos Coríntios, manifesta o mal estar devido à sobrevalorização dos carismas (21,5; 48,5; 57,2). Tudo dá a entender que a pneumatologia paulina da unidade do dom (Espírito) na diversidade (carismas) não resultou. Cf. J. ROHDE, «Häresie und Schisma bei Clemens und Ignatius», *NT X* (1968) 218-226.

## 2.2. Os carismas paulinos em Rm 12

No cap. 12 da carta aos Romanos, Paulo trata do mesmo assunto, mas agora numa maneira mais calma e serena. Refere a mesma metáfora do corpo e seus membros para explicar os diversos carismas (Rm 12,4-10: v. 4 «Com efeito, como possuímos muitos membros num só corpo e estes membros não têm todos a mesma função, v. 5 do mesmo modo, somos um único corpo em Cristo, sendo todos membros uns dos outros, cada qual segundo o que lhe compete. v. 6 Temos *carismas* que diferem segundo a *graça* que nos foi concedida. Trata-se do carisma da profecia? Que ela seja exercida de acordo com a fé [de acordo com a fé da Igreja]. v. 7 Alguém tem o carisma do serviço [ministério diaconal ao serviço dos pobres]? Que o ponha em prática. Outro tem [o carisma] de ensinar? Que ensine. v. 8 Outro tem [o carisma] de exortar? Que exorte. Aquele que dá, faça-o sem cálculos; aquele que preside, faça-o com zelo; v. 9 aquele que exerce a misericórdia (*ho eleôn*), faça-o com alegria. Que o amor (*agapè*) seja sincero. v. 10 Como bons irmãos sede carinhosos uns com os outros, rivalizando na afeição mútua...») <sup>15</sup>.

Assim como acontece na primeira aos Coríntios 12-14, acontece agora na carta aos Romanos. Todos os carismas são precisos e funcionais para a construção do corpo da comunidade, mas acima de tudo deve existir o tal «amor fraterno» que supera todos os atritos e dificuldades diante da variedade de dons ou carismas.

Teologicamente, devemos reparar, mesmo assim, nas diferenças entre a 1Cor 12 e Rm 12, tendo em vista sobretudo a falta da referência directa ao Espírito Santo ou simplesmente ao Espírito em Rm 12. A referência é à pessoa de *Cristo* e sua *graça*, como é apanágio de toda a carta aos Romanos.

Na 1Cor 12,12ss aparece a ideia da comunidade como organismo (1Cor 12,14-26), baseada no princípio de que esta comunidade «é no seu conjunto 'o Cristo' (1Cor 12,12), isto é, o 'corpo de

---

<sup>15</sup> Sobre este texto, cf. ULRICH WILCKENS, *La Carta a los Romanos. Rom 6-16* (Salamanca, 1992) 344-353; J. S. BOSCH, *Le Corps du Christ et les charismes dans l'épître aux Romains*, in LORENZO DE LORENZI (ed.), *Dimensions de la vie chrétienne (Rom 12-13)*, Série Monographique de «Benedictina» IV (Roma, 1979) 51-83; F.-J. ORTKEMPER, *Leben aus dem Glauben. Christliche Grundhaltungen nach Römer 12-13* (NTA NF 14).

Cristo' (12,27), mas em Rm 12,4s sobressai a ideia de comunidade como organismo 'em Cristo' (cf. Gl 3,28)»<sup>16</sup>.

Em Rm 12,6-9, onde aparece a lista dos diferentes carismas, falta o verbo principal. Trata-se, pois, gramaticalmente, de um chamado anacoluto, e isto devido ao gênero literário da exortação. Cada exortação depende do participio introdutório do v. 6a<sup>17</sup>.

No texto de Romanos não há prioridades de carismas, ao contrário da 1Cor 12,28s. Paulo apenas afirma que todos os carismas são importantes e insubstituíveis na sua variedade.

Para melhor compreendermos o pensamento paulino dos vv. 4-10, temos que começar por compreender o v. 3, que tem as suas dificuldades: «Assim, em virtude da graça que me foi dada, digo a todos e a cada um de vós que não se sinta acima do que deve sentir-se; mas sinta-se preocupado em ser sensato, de acordo com a medida de fé que Deus distribuiu a cada um.» O exegeta alemão U. Wilckens, especialista da carta aos Romanos, escreve sobre este contexto geral: «Embora este dom profético (segundo a 1Cor 14,29ss) possa ser fruto da inspiração pneumática de diversos carismas nas assembleias de culto, consta, no entanto, que as comunidades paulinas conheceram um ministério profético fixo, juntamente com o ministério do doutor (mestre) (1Cor 12,28). É a este ministério que se refere o nosso texto: aquele que possui o dom permanente da pregação profética deve utilizá-lo «de acordo com a medida da fé». A expressão *kata tèn analogían tès písteôs* corresponde ao *metron písteôs* do v. 3 [... que ninguém se julgue superior, mas apenas que esteja onde deve estar, segundo a *medida da fé* que Deus lhe deu]. Aqui trata-se especialmente do critério que cada profeta deve seguir e ao qual se deve agarrar (1Cor 14,19; cf. 12,10). A fé, que é comum a todos, porque se dirige ao único Senhor, Cristo, o Ressuscitado (cf. Rm 10,9s), é o horizonte hermenêutico normativo para toda a pregação no culto divino»<sup>18</sup>. Trata-se da *fides quae creditur*, isto é,

---

<sup>16</sup> ULRICK WILCKENS, *o.c.*, 347. A imagem da comunidade cristã como corpo vivo em que participam todos os membros, tem a sua analogia com a cidade-estado na política e ética dos gregos, segundo PLATÃO (*República* 462c-d) e EPICETETO (*Discursos* 2.10.4-5). É por isso que em Rm 12,5 o que sobressai é a interrelação dos membros entre si (*allèlôn melè*) e não tanto a unidade.

<sup>17</sup> Realmente, o v. 6 começa com uma frase com o verbo no participio (*echontes de charismata*) sem a continuidade de um verbo principal, porque já depende da imagem sobre o corpo do v. 4.

<sup>18</sup> U. WILCKENS, *ibid.*, 349 s. Os dois termos *analogía* (v. 6) e *metron* (v. 3) são, ao mesmo tempo, coincidentes e complementares.

da fé tradicional ou da fé da Igreja. O carisma da profecia manifesta todo o seu valor de acordo ou segundo a proporção (*kata tèn analogian*) da sua capacidade em construir a fé. A finalidade última da profecia é a de *criar fé*.

A seguir à profecia vem o carisma da *diaconia*, que tanto pode designar o serviço da pregação, como, de modo geral, qualquer outra responsabilidade para bem da comunidade, que, hoje, nos é impossível definir. Talvez se trate do serviço diaconal a favor dos pobres (cf. as colectas como *diaconia* em 2Cor 8,4; 9,1.12s; cf. 8,19s; Rm 15,25), que corresponde à nossa assistência social cristã. Mas esta última possibilidade repetiria o carisma de *dar* e o de presidir à distribuição dos bens no v. 8<sup>19</sup>.

Os outros dois carismas que se seguem, o do ensino (*didaskalía*) e o da exortação (*paráklêsis*) completam-se na medida em que têm por objecto a palavra como exortação e como ensino. A *didaskalía* só aparece aqui e em 15,4, e corresponde à nossa *catequese*, excepto nas cartas pastorais, onde designa a *parádosis* (tradição) ou transmissão ortodoxa da doutrina (1Tm 1,10; 2Tm 4,3; 1Tm 4,1.6.13.16; 5,17; 6,1; 2Tm 3,10.16; Tt 2,7.10). Este *ensino* difere da *profecia* na medida em que não tem directamente a ver com a inspiração, mas sim com o conhecimento e o estudo das Escrituras, e também com as tradições e as confissões das comunidades primitivas. Ainda em relação ao carisma da *exortação*, se é verdade que se completa no do *ensino*, ele acentua sobretudo o conforto e a confiança. É este, aliás, o sentido original do *Paráclito* do quarto evangelho (Jo 14,16, 26; 15,26; 16,7; 1Jo 2,1).

O carisma que nós traduzimos por «aquele que dá» (*ho metadidous*) é novo em Paulo. Tanto pode designar o que dá de maneira privada como o que distribui os bens da comunidade pelos pobres. Ao fim e ao cabo trata-se de *dar esmola*. E a modalidade da frase que se segue: «faça-o sem cálculo» (*en aplotèti* = com simplicidade), leva-nos mais para um sentido individual do que comunitário.

O carisma do que «preside à comunidade» (*ho proistámenos*) ou às comunidades (1Ts 5,12s; 1Tm 3,4-5,12; 5,17), tanto pode designar uma presidência de tipo cultural como administrativa. Se se trata da presidência de tipo administrativo, tem a ver com alguém que preside à distribuição dos bens pelos mais necessitados.

---

<sup>19</sup> Cf. J. N. COLLINS, *Diakonia. Re-interpreting the Ancient Sources* (Oxford/New York, 1990) 232-34.

Paulo daria muito relevo ao aspecto social uma vez que trata deste assunto em três carismas correlativos.

Finalmente, o carisma da *misericórdia* (*ho eleôn*) também é novo. À primeira vista designa aquele que dá esmola, mas também pode designar qualquer tipo de ajuda económica ou de bem-fazer mais geral (cf. a parábola do bom samaritano em Lc 10,25-37 e a palavra *eleos* = misericórdia-compaixão no v. 37). É o que corresponde, hoje em dia, ao serviço cristão de quem visita os presos, os doentes, cuida dos idosos, etc.

Como já vimos na 1Cor 12, também agora em Rm 12, o mais importante é notarmos que os carismas nunca se restringem ao campo puramente pessoal ou individual, mas estão sempre em função dos outros, isto é, das necessidades práticas da comunidade, seja na dimensão que hoje classificamos de catequética, pastoral e doutrinal, como na dimensão de assistência social. E o facto de Paulo na carta aos Romanos não se referir aos carismas da *glossolália*, dos *milagres* e das *curas*, pode ter muita importância na medida em que eram estes carismas os que punham problemas à comunidade de Corinto, precisamente pelo facto de serem carismas de teor mais subjectivo e personalista. «A condição de carismático significa sempre e fundamentalmente relativizar-se a si mesmo e colocar-se ao serviço dos outros. E é neste sentido que cada cristão é insubstituível como indivíduo. Se os membros são membros de um mesmo corpo, o corpo não existe sem a pluralidade dos membros. Não pode haver uma Igreja de Cristo onde o indivíduo desapareça ou se dilua já que o Espírito da Igreja é a força da graça, aquela força de Deus que converteu a sua própria justiça, por meio de Cristo, em misericórdia, um amor que se entrega»<sup>20</sup>.

### 3. Os carismas nas cartas pastorais

Dentro do contexto de todo o NT, o *carisma* deixa de ter o conteúdo estruturalmente espiritual de Paulo para passar a ter o conteúdo *ministerial*, mormente nas cartas pastorais (1Tm 4,14: «Não desprezes o *carisma da graça* que está em ti, que te foi conferido por uma intervenção profética, acompanhada pela imposição das mãos pelo colégio dos anciãos...»; 2Tm 1,6: «Por isso, torno a

---

<sup>20</sup> *Ibid.*, 352 s.

lembrar-te que reavivas o *carisma* de Deus que está em ti desde que eu te impus as mãos»).

Esta maneira das cartas pastorais apresentarem o carisma ministerial do *epískopos* (1 Tm 3,2) e do *presbyteros* (1Tm 5,17; Tt 1,5) e, bem assim, o *presbyterion* (1 Tm 4,14), é muito significativa porque tais ministérios dependem da imposição das mãos do colégio dos presbíteros ou da do apóstolo. De qualquer modo, existe uma ponte entre este ministério dependente da imposição das mãos de um «presbitério eclesial» ou de um «apóstolo» e o carisma propriamente dito, uma vez que se assinala tratar-se do *carisma da graça* conferido por uma intervenção *profética* (1Tm 4,14) e do *carisma de Deus* (2Tm 1,6). No entanto, quando se fala de Timóteo ou de Tito como «bispo» ou como «presbíteros» não se associa de maneira directa o ministério ao carisma (1Tm 3,2: «É preciso que o bispo seja irreproável, marido duma só mulher, sóbrio, ponderado, bem educado, hospitaleiro, hábil no ensino...». 1Tm 5,17: «Os presbíteros que exercem bem a presidência merecem um honorário duplo, sobretudo os que se afadigam no ministério da palavra e do ensino...». Tt 1,5: «Se eu te deixei em Creta é para que acabes de organizar o que faltava e nomeasses presbíteros em cada cidade, seguindo as instruções que eu te dei...»).

A maioria dos exegetas conclui que se trata de cartas pseudo-nímicas uma vez que a eclesiologia das pastorais é realmente muito diferente da primeira aos Coríntios e Romanos. Por isso, há que distinguir muito bem entre os carismas das cartas autênticas de Paulo e estes carismas dos bispos e presbíteros das cartas pastorais.

Em todos os demais escritos do NT há a excepção da 1Pd 4, 10-11, onde os carismas se aproximam muito da linguagem e dos conteúdos da 1Cor 12 e Rm 12 (1Pd 4,10-11: «Que cada um [*ekastos*] coloque ao serviço dos outros o *carisma* que recebeu como bom administrador da graça de Deus, variada nos seus efeitos. Se alguém fala, que sejam palavras de Deus, se alguém presta um serviço [lit. faz de diácono], faça-o em virtude do poder recebido de Deus, para que Deus seja glorificado em tudo por Jesus Cristo, a quem correspondem a glória e o poder por toda a eternidade. Amén»).

Uma vez mais, o que sobressai neste texto é o destino *social* dos carismas. Nos dois carismas do v. 11, o da *palavra* ou *discurso* refere-se, sem dúvida, à pregação na assembleia litúrgica, e o do *serviço* à assistência social. «O autor limita-se à simples menção, sem desenvolver a ideia, mas presume-se, com muita probabilidade, que o «discurso» se refere aos apóstolos ou evangelistas (cf. 1,12) e

profetas, e o «serviço carismático» à actividade dos responsáveis mencionados em 5,1 ou ao trabalho assistencial e, em geral, a uma «boa conduta entre os pagãos» (2,12), que é um tema permanente da carta...»<sup>21</sup>. «Não é a comunidade que se deve preocupar com cada indivíduo, mas cada indivíduo é que se deve preocupar com a comunidade, contribuindo, desta maneira, para promover a convivência eclesial. O indivíduo só poderá sobreviver com a sua esperança numa comunidade vital que ele mesmo alimenta»<sup>22</sup>.

## Conclusões

As conclusões a tirar são, portanto, as seguintes:

1. A relação entre o Espírito Santo e os carismas não aparece na pregação do Jesus histórico, se tivermos em conta os conteúdos dos evangelhos, mormente dos sinópticos, em que Jesus centra toda a sua pregação e missão no sintagma do *Reino de Deus*. O Espírito Santo e os seus dons ou carismas têm origem na eclesiologia a partir da experiência do Pentecostes, mas sempre na dependência do mistério pascal. E ao longo do NT, a relação entre o Espírito Santo e os carismas só aparece nas cartas genuinamente paulinas, sobretudo na primeira aos Coríntios e Romanos.

2. Nestas cartas há que distinguir entre *graça* e *carisma*. A graça tem a ver com a acção gratuita de Deus em ordem à santificação e salvação-justificação, e o carisma tem a ver com o bem comum do corpo da Igreja; a graça pertence à teologia sacramental e o carisma à teologia eclesial; a graça é dom de Deus e o carisma é função eclesial, embora originado sempre em Deus.

3. Uma vez que os carismas estão em função da construção do corpo da Igreja, tanto podem ser *ministeriais* (o ministério dos apóstolos, profetas e doutores), como podem ser *operacionais*, de cariz mais individual: pregação, assistência aos doentes e pobres, direcção das comunidades, curas, milagres, glossolália, discernimento dos espíritos, etc.

---

<sup>21</sup> NORBERT BROX, *La Primera Carta de Pedro* (Salamanca, 1994) 278.

<sup>22</sup> *Ibid.*

4. Nas cartas pastorais, os carismas ou dons já são *institucionais* e dependentes da imposição das mãos do apóstolo ou do presbitério. Assim aparecem os carismas dos bispos, presbíteros e diáconos. Quem recebe estes carismas eclesiais serve de modo *permanente e fixo* as suas comunidades, ao contrário dos tempos de Paulo em que os carismáticos andavam de cidade em cidade ou de terra em terra como peregrinos. Além do mais, a relação entre o Espírito Santo e os carismas nestas cartas pastorais não é evidente.

5. O amor-caridade é o maior de todos os carismas. Não se trata de um amor-caridade em sentido apenas doutrinal e abstracto, mas em sentido prático e eficiente. Ao fim e ao cabo é o amor-caridade expresso nas obras de misericórdia.

6. A Igreja sempre viveu esta dialéctica e tensão entre a Igreja mais *carismática* de Paulo e a Igreja mais *institucional* das cartas pastorais, depois fortalecida a partir do episcopado monárquico do séc. II. A Igreja é um corpo vivo, uma construção de pedras vivas, e não apenas uma assembleia de crentes na Bíblia. O Cristianismo não é uma Igreja ou uma religião do *livro*, à maneira do islamismo com o Alcorão. Antes da Bíblia existiu a Igreja e foi a mesma Igreja, a judaica e a cristã, que impôs regras e critérios para o cânon das Escrituras. A variedade e aparente contradição de carismas como ministérios, funções, operações, etc., depende do relativismo da história e suas conseqüentes realidades pastorais, catequéticas e doutrinárias. A Bíblia é uma catequese e não uma ideologia, e é por isso que os evangelhos e as cartas são tão iguais e tão desiguais. Dependem do Cristo da história, do Cristo da tradição e do génio de cada hagiógrafo como autor dos livros bíblicos. Trata-se de *autores* e não de simples *copiadores* ou *compiladores*. Trata-se de pastores que têm em vista a catequese e a pastoral das suas comunidades e não de simples amanuenses e cronistas.

7. O que acontece actualmente com os movimentos «carismáticos» deve entender-se, portanto, a partir da doutrina carismática do NT e, bem assim, daquilo que sabemos de alguns Padres da Igreja e escritos dos primeiros tempos. Eusébio afirma que no tempo de Trajano, tanto a profecia como os milagres, eram uma realidade da Igreja (*História Eclesiástica* 3,37,39). Justino escreve: «Um recebe o espírito de inteligência, outro o de conselho, outro

o da fortaleza, outro o de curar, outro o da profecia, outro o do ensino, e outro o de temor de Deus» (*Diálogo* 39). E escreve ainda: «Os dons proféticos permanecem no meio de nós inclusivamente nos tempos de hoje» (*Diálogo* 82, cf. 87-88; *segunda apologia* 6). Ireneu exprime-se também da seguinte maneira em referência aos carismas nos seus dias: «há os que expulsam os demónios... os que têm o dom de preverem o futuro..., os que curam os doentes com a imposição das mãos. Até os mortos têm ressuscitado e permanecido depois entre nós por muitos anos...» (*Contra as Heresias* 2,32,4). Orígenes escreve também: «Ainda estão vivos entre os cristãos os traços daquele Espírito Santo que apareceu em forma de uma pomba. Eles expulsam os espíritos maus, realizam muitas curas, prevêm certos acontecimentos» (*De Principiis*, Prefácio 3; *Contra Celso* 1,46)<sup>23</sup>.

8. Necessariamente, hoje em dia, sem descurarmos a fé nestes dons carismáticos, temos que saber conjugar o verbo *crer* com o verbo *saber*, a fé com a ciência, o Espírito com a razão, o «milagre» com o psicológico, emotivo, paranormal e parapsicológico, o histórico imanente com o diálogo apocalíptico entre o Espírito e a Esposa (Igreja). «O Espírito e a Esposa dizem: «Vem!» E, aquele que ouve, diga: «Vem!» (Ap. 22,17). Por isso, os carismas paulinos não se devem tomar de maneira literalista ou fundamentalista porque a nossa antropologia e sociologia religiosas são muito diferentes dos tempos paulinos. Ainda hoje não sabemos muito bem o que é que Paulo entendia com os carismas da 1Cor 12, mormente com o dom das línguas (1Cor 12,14,15-19). A única certeza que temos é que os carismas devem estar ao serviço do bom funcionamento da comunidade e não ao serviço da pessoa. A 1Cor 12,28 apresenta a lista dos ministérios e dos carismas: o ministério dos apóstolos, profetas e mestres (doutores) e o dom dos milagres, curas, obras de assistência, governo (*kybernèseis*) e glossolália. Podemos dizer que, hoje em dia, o carisma do governo, que tem a ver com a liderança e a administração é um carisma como os outros? Finalmente, como já expusemos, por causa da afirmação autoritária de Paulo na 1Cor 14,37-38, os carismas constituíam, para a eclesiologia de Paulo, um *bem* e um *perigo* (cf. 1Cor 13,20-25; 14,26-28,32). Também sabemos

---

<sup>23</sup> Elementos tirados da obra de CHARLES H. TALBERT, *ibid.*, 82-83.

que a eclesiologia dos carismas é típica de Paulo. O mesmo já não aparece nos Actos, que é a obra das manifestações do Espírito por excelência, ou em João, onde o *Espírito* e o *Paráclito* têm também uma grande importância. Em João, os carismas diluem-se completamente no *discipulado*, e não há qualquer diferença entre o baptismo na água e no Espírito (Jo 3,5).

JOAQUIM CARREIRA DAS NEVES